

**A ARTE DA SAÚDE DO
TRABALHADOR**

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Professor da
UFG/Universidade Federal de Goiás]

Não foram poucos - artistas, filósofos,
intelectuais, militantes - que defenderam
a total núpcia entre vida e arte
- artevida -.

Esse casamento, tão sonhado por amantes
da liberdade e da vida intensa,
em ocasiões diversas, sublinhou outra fusão:
estética e crítica
- esteticrítica -.

Mas o que significa isso?

Um pouco de sal do rosto do trabalhador na
imagem romântica do filme;
sonhos harmônicos da valsa vienense na panela
de feijão de dona Maria;
sua suor espesso do gari na
apoteose do poema:
"o gari é limpeza,
é franqueza, é beleza".

E a lição: poesia mastiga ferro
com dentes de lua.

Os calos do pedreiro como açoites eróticos do
Tango;

o olho do professor na mira de
Sierra Maestra;

mil rodopios do vendedor de picolé como um
jongo da Serrinha.

O trabalhador precisa sambar;
o bisturi do médico aveludado com o canto de
Neruda em Isla Negra...

O trabalho no frenesi
das cores trepidantes de Van Gogh.

A vida é cromática.

Gritos de esfomeados;
operários em greve;

colisão de veículos com sangue
exposto no asfalto;

mãos decepadas de cortadores de cana;
rosto carcomido

de pescadores de São Bento;

pés descalços batendo a uva;

prego nos dedos no último andaime...
vida total, sentida, interpretada, aberta
ao exercício amoroso da liberdade:

eis a arte do trabalhador.

A arte não pode mentir.

- Arte? -

A arte é uma forma de transgredir as forças
normativas e de romper o casulo de uma vida
de Estado;

é frequentemente o que se tem para gerar
fôlego nos interstícios da sociedade de controle,
outro movimento do corpo inclinado ao gozo e
ao sentimento, ação criadora do espírito, esse
espírito que vai à lua
para lambar a terra.

O trabalhador precisa de arte
- e faz arte a sua arte, quando não aceita ser
sufocado pela exploração -;
quando pega nas mãos do Outro
e adquire coragem para defender
os seus desígnios.

Isso pode se chamar
sensibilidade insurgente.

Como quis Mário Quintana,
quando não entende um olhar
não adianta pedir explicação.

A saúde do trabalhador é arte quando ética,
estética e crítica se juntam.

Quando sensibilidade e interpretação
tornam-se uma coisa só;
quando a história do trabalhador,
em sua própria voz, é outorgada
como patrimônio estético e cultural;
quando a luta é significada
como a realeza estética.

O que há de mais bonito do mundo.

Quando a vida coletiva dissipa o medo.

A saúde do trabalhador é arte quando os pés
estão fincados no real e a imaginação, louca
amante da liberdade, traça o desenho da
utopia, traça-o com punhos erguidos.

E língua salivando. Saliva e desafia.

Pode-se parafrasear o escritor baiano

Alan Oliveira:

"Saúde do trabalhador
é um porre de liberdade".

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.